

A guerra dos números

Depois da festa cívica, o sufoco. Quem vai acompanhar Fernando Collor de Mello no segundo e decisivo turno de 17 de dezembro próximo? Milhões de brasileiros acompanharam durante todo o dia de ontem as apurações das tevês Globo e Bandeirantes, mas foram dormir sem saber. Será Brizola? Será Lula?

Durante a manhã, estimulados pela manchete de um jornal paulista, os eleitores de Lula chegaram a comemorar seu ingresso na disputa final e o mercado financeiro não tardou a ouvir. Tão ansiosos quanto os milhões e milhões de eleitores, os mercados do ouro e do dólar no paralelo também reagiram — e começaram a subir de preço. Ninguém queria vender, todos queriam comprar.

Por volta do meio-dia, quando os votos das urnas do Rio Grande do Sul, território eleitoral de Brizola, começaram a ser revelados, o ar começou a mudar novamente. Brizola passou a subir nas prévias e, em pouco tempo, estava nos calcanhares de Lula. Por volta da uma da tarde, a virada: Brizola estava em segundo e ali se manteria até o final do dia com uma diferença de 1,5 a 2% sobre Lula — ou algo em torno de 1,5 milhão de votos.

A troca de posições também aturdiu os comandos dos principais institutos de pesquisa de opinião pública. Às quatro da tarde, durante um dos muitos programas de televisão que ora orientavam seus debates em torno do arco de alianças



Lula ou Brizola? — No carrossel dos números da tevê, a tensão de Collor.

que poderiam apoiar Lula, ora fixavam-se na capacidade de Brizola em articular alianças, o diretor do Instituto Gallup, Carlos Matheus, confessou sua incerteza: embora os índices do dia anterior apontassem a possibilidade de um empate técnico pelo segundo posto, só a contagem oficial do TSE, urna a urna,

poderia revelar quem irá enfrentar Collor de Mello. Se os especialistas nada sabiam, que dirá o eleitor? Para ele, só dúvidas e a certeza de que a morosa apuração oficial vai estender por mais alguns dias sua agonia.

Com a subida de Brizola, o

mercado financeiro voltou a reagir à voz das urnas — e os preços começaram a desabar. O dólar no mercado paralelo, que chegara aos NCz\$ 15,00, fechou o dia em NCz\$ 13,50. O grama do ouro, que batera nos NCz\$ 171,00, caiu para NCz\$ 165,00 no final do pregão. Na Fiesp, o quartel-general do empre-

sariado paulista, também respirava-se mais à vontade.

O sufoco de todos também atingiu seus causadores. Menos de meia hora depois de perder o segundo lugar para Brizola, Lula convocou jornalistas para uma entrevista coletiva. Nela, o candidato, como era de se esperar, garantiu que, segundo as projeções do PT, ele chegaria ao final da contagem com mais de um milhão de votos sobre seu rival. Brizola, por sua vez, pouco antes das cinco da tarde, também resolveu falar — e mais uma vez mirou seus canhões contra a tevê Globo. Ao mesmo tempo em que criticou duramente a lentidão da apuração do TSE, Brizola insinuou que poderia estar sendo vítima da manipulação de números, mas não apresentou prova alguma.

Pouco antes das seis da tarde, enquanto corria nas redações a falsa notícia de que o TSE havia proibido a divulgação dos dados pela tevê Globo — o que, se se confirmasse, prolongaria a agonia por muitos dias ainda — apenas uma certeza era visível. Mesmo com a apuração das televisões e das rádios jorrando números de meia em meia hora, somente os mapas oficiais do TSE poderão dizer a última palavra sobre quem enfrentará Fernando Collor de Mello. A dúvida traz, pelo menos, a lembrança de uma frase de José Maria Alkmin, um dos mais espirituosos políticos que Minas Gerais já produziu: “Urna e barriga de mulher grávida, para saber o que tem dentro, só mesmo depois de aberta”.